



CULTURA DIGITAL E AS MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS

Mayara Rodrigues de Lima Mariano

Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

mayaraa_rodrigues19@hotmail.com

Rosimeire Martins Régis dos Santos

Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

rf3294@ucdb.br

Eixo 6 - Tecnologias e mediações pedagógicas

RESUMO

Este artigo foi desenvolvido junto ao Grupo de Pesquisas e Estudos em Tecnologia Educacional e Educação a Distância (GETED/UCDB), vinculado a um plano de trabalho do PIBIC e objetiva apresentar discussões e reflexões acerca das tecnologias digitais e redes sociais inseridas na educação. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Como subsídio teórico autores como Freire (2004), Candau (2001) e Boellstorff (2008), contribuíram com argumentos sobre a importância dos professores no processo de integração da cibercultura e nas relações interculturais. Os resultados apontam a necessidade de integrar a cibercultura à sala de aula, mas também é fundamental que as instituições de ensino ofereçam internet banda larga, e que os professores sejam os primeiros preparados para conhecer as possibilidades que as redes sociais e seus aplicativos proporcionam na educação.

Palavras-chave: Cultura digital. Rede Social. Tecnologias

INTRODUÇÃO

As ferramentas tecnológicas estão ganhando cada vez mais espaço no mundo moderno, e os termos “cultura digital” “cibercultura” e “ciberespaço” vem sendo mais utilizados no cotidiano, até mesmo discutidos frequentemente por profissionais da educação que acreditam nos adventos virtuais como aliados do aprendizado. Com base nesta afirmação, este artigo apresentará discussões e reflexões acerca das tecnologias digitais inseridas na educação, analisando conceitos, problemáticas e vantagens que ela proporciona ao âmbito acadêmico.

Outrossim, é analisada a problemática da despreparação das instituições de ensino ao

III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Diálogos sobre EaD e uso das TDIC na educação: regulamentação em tempos recentes

3 a 6 de novembro de 2020 - Brasília/DF - Online



utilizar de redes sociais e tecnologias digitais como forma de aprendizado, incluindo também os professores e a necessidade de prepará-los e qualificá-los. Ainda, explicita-se o objetivo de defender a inserção da cibercultura no aprendizado, como uma alternativa de avanço e melhorias na educação, apontando também suas implicações na rotina dos acadêmicos da pós-graduação *stricto sensu*.

As vantagens de ter a rede social virtual Facebook como possibilidades de aprendizados também são colocadas em cena, um assunto que se estende até as relações interculturais entre professor e aluno e também sobre a etnografia virtual e sua importância no campo de estudos da cibercultura.

1 CULTURA DIGITAL

A tecnologia geralmente é vista marcando presença e ocasionando inovações capazes de revolucionar o mundo. Um exemplo disso é a Primeira Revolução Industrial na Inglaterra, ou então a máquina inventada por Alan Turing na Segunda Guerra Mundial que ajudou a decifrar códigos alemães e vencer a guerra, e ainda há muitos outros exemplos que ajudaram a sociedade a se tornar o que é hoje, graças à introdução das invenções tecnológicas.

Nos dias atuais, depois dos primeiros momentos da Quarta Revolução Industrial, podemos notar que o mundo está caminhando cada vez mais para a tecnologia. Estamos em uma nova era, a era digital, e também em uma nova cultura, o que nos leva a discutir sobre a cultura digital. Segundo Garofalo (2018, p. 1):

O conceito se trata da cultura nascida pela era digital, originária do ciberespaço e da linguagem da internet que busca integrar a realidade com o mundo virtual. O tema ganhou grande ênfase com a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), devido às mudanças advindas do avanço tecnológico e do crescente acesso a elas pela facilidade de dispositivos como computadores, telefones celulares, tablets e outros¹.

¹Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12552/cultura-digital-o-que-e-e-quais-ferramentas-podem-ser-utilizadas>. Acesso em: 12 Fev. 2020.



Desse modo, a cultura digital pode ser muito bem aproveitada quando usada para a aprendizagem e educação, ampliando as relações interpessoais e também o acesso à informação.

Entretanto, antes de inserir tais tecnologias na sala de aula, é preciso preparar os professores. Os profissionais da educação precisam ser qualificados, precisam adentrar a era digital, experimentá-la, investigá-la, e, por fim, conhecê-la até estar pronto o suficiente para aplicá-la na aprendizagem dos estudantes com facilidade. Portanto, esse processo concretiza a afirmação de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 27).

Assim, passear pelo contexto digital é um processo fundamental para a construção do conhecimento e para conseguir informações úteis e valiosas ao cotidiano atual, com ferramentas que podem contribuir imensamente para a aprendizagem e para os estudos, sendo a cibercultura um instrumento facilitador e motivador se for usado com inteligência. Segundo Behrens (2007, p. 450):

Os recursos tecnológicos quando bem utilizados a serviço da aprendizagem são possibilidades didáticas e formativas. Assim, uma prática pedagógica inovadora inclui propostas que permitam desenvolver as novas tecnologias da informação e da comunicação no sentido de ampliar os recursos de aprendizagem.

Ainda, a tecnologia é de grande ajuda à aprendizagem justamente porque os estudantes já estão, de certa forma, familiarizados com a cultura digital, todos os dias inseridos em rotinas que precisam do uso de um celular, computador, tablet ou outras ferramentas digitais. Algo inteligente a se fazer seria conhecer mais essas tecnologias, familiarizar-se com elas e inseri-las no contexto da sala de aula, pois tornaria o método pedagógico mais fácil, inovador e, ainda, criativo. Vale apontar o conceito de cibercultura.

A cibercultura é construída por nós e, ao mesmo tempo, contribui em nossa constituição enquanto sujeitos. Ou seja, podemos ser locais e globais ao mesmo tempo e fortalecer a produção de culturas e de conhecimento dentro de uma comunidade e, ao mesmo tempo, olhar para dentro, para ela e fora dela, para o mundo. (SANTOS, 2015, p. 103).

Podemos perceber que a cibercultura aproxima as pessoas e consequentemente aprendizados poderão surgir até mesmo troca de conhecimentos com pessoas de outras culturas ou países enriquecendo a diversidade cultural.

III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Diálogos sobre EaD e uso das TDIC na educação: regulamentação em tempos recentes
3 a 6 de novembro de 2020 - Brasília/DF - Online



2 A REDE SOCIAL FACEBOOK NA EDUCAÇÃO

Segundo Porto e Santos (2014), o Facebook é uma rede social virtual criada por Mark Zuckerberg, lançada em 14 de fevereiro de 2004 e hoje conhecida como uma das maiores redes sociais do mundo. Elogiado e também muito criticado, o Facebook faz sucesso entre a população moderna, divide opiniões, levanta questões a serem discutidas, aproxima as pessoas umas das outras e possui ferramentas e características que podem ser usadas a favor da educação.

Desse modo, acreditamos que o Facebook, quando usado estrategicamente, dispõe de aspectos positivos que certamente podem ser utilizados na educação, e desperta a motivação dos acadêmicos ao adquirir conhecimento de formas dinâmicas por meio dessa rede social.

A rede social Facebook pode ser usada como vantagem nos estudos e na aprendizagem dos acadêmicos, um fato que é intensificado pela familiarização dos estudantes com essa rede social, já que as chances de haver alguém que não tenha uma conta ou que não conheça o Facebook são mínimas. Ante o exposto, o profissional da educação desempenha um papel muito importante na integração dessa rede social em salas de aula no ensino superior, uma vez que o professor pode usar o Facebook como ferramenta de aproximação dos estudantes, um lugar onde pode criar um grupo virtual de conversação, no qual os alunos poderão expor suas ideias e assim deixar a aprendizagem fluir e se concretizar em uma plataforma já familiar aos acadêmicos.

Além disso, a rede virtual Facebook proporciona publicações que, com a orientação do profissional da educação, podem servir especificamente para debates e aguçar o senso crítico dos acadêmicos, fazendo-os crescer cada vez mais intelectualmente e deixando-os à vontade para utilizar de uma rede social comum ao cotidiano deles para adquirir conhecimento. Ainda, as postagens do Facebook também podem ser usadas estrategicamente para que os acadêmicos consigam aprender o conteúdo e fixá-los melhor em suas mentes, utilizando de métodos criativos e atuais como blogs, vídeos, imagens referentes a filmes, seriados de televisão e músicas da atualidade, e uma famosa ferramenta de entretenimento: os memes, figuras centradas em um assunto bastante falado no momento e que também possuem o objetivo de

III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Diálogos sobre EaD e uso das TDIC na educação: regulamentação em tempos recentes
3 a 6 de novembro de 2020 - Brasília/DF - Online



transmitir humor e mensagens engraçadas. Um exemplo disso é a página do Facebook chamada História No Paint, criada pelo acadêmico de História Leandro Marin na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), na qual as publicações são compostas por memes que objetivam ensinar a disciplina de História para todos que estiverem interessados. Portanto, a rede social Facebook permite que a arte e a cultura sejam abordadas em prol do aprendizado.

3 OS PROFESSORES E A ADAPTAÇÃO À TECNOLOGIA

É indubitável que os profissionais da educação são fundamentais para o processo de inserção da tecnologia nas instituições de ensino superior. Porém, é necessário atentar para as questões complexas, complicadas e indispensáveis para discussão, como a análise das instituições que estão qualificadas ou não para receber a tecnologia, a falta de acesso à Internet e ferramentas digitais por parte da população periférica, as más condições estruturais nas escolas e professores em grande número que não possuem condições para inserir-se na cultura digital ou que, quando possuem, não podem exercer seu conhecimento tecnológico em um ambiente que desfavorece tanto estruturalmente quanto ideologicamente a cibercultura.

Diante disso, a rede social Facebook pode ser de grande ajuda para os profissionais da educação que estão conectados, pois, além de possibilitar estratégias de aprendizado, essa rede social também aproxima as pessoas e convida-as a conhecerem umas às outras. Outrossim, os professores podem se comunicar com outros professores e assim estabelecer um diálogo sobre seus métodos de ensino, um grupo poderá compartilhar ideias para o outro, ambos se ajudando e contribuindo para que o aprendizado aconteça.

4 A REDE SOCIAL NA APROXIMAÇÃO DE ACADÊMICOS E PROFESSORES DA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU

Stricto Sensu é uma expressão de origem latina que se trata, em um significado literal, de um “sentido específico”, menos abrangente, restrito. Na área de ensino, refere-se ao nível de



pós-graduação e compreende programas de mestrado e doutorado abertos a candidatos diplomados em cursos superiores de graduação.

Desse modo, é preciso atentar para a inserção da tecnologia e da rede social Facebook na rotina estudantil dos acadêmicos de Pós-Graduação Stricto Sensu, e analisar as implicações causadas em seus estudos. Ademais, abrir as portas para a tecnologia requer mudança em alguns aspectos, como a diminuição de cadernos e canetas, menos livros físicos para carregar, e-mails para verificar e trabalhos para entregar online. Por isso, é necessário que a instituição de ensino ofereça internet banda larga para acesso gratuito aos acadêmicos, e também é fundamental que os professores sejam os primeiros preparados para conhecer as possibilidades que as redes sociais e seus aplicativos proporcionam na educação, para assim preparar seus alunos e ambos crescerem juntos intelectualmente e aprender com a novas inovações tecnológicas.

O Facebook também pode ajudar os acadêmicos da Pós-Graduação Stricto Sensu a se aproximarem uns dos outros, e assim estabelecer uma relação de companheirismo e aprendizado em grupo, para que possam compartilhar suas experiências acadêmicas reciprocamente em rede social, e desse modo proporcionar debates, conversações e reflexões a respeito de assuntos que abrangem não apenas o interesse acadêmico, mas os valores da sociedade como um todo, e assim crescerem não apenas como estudantes, mas também como seres humanos.

5 RELAÇÕES INTERCULTURAIS NA CIBERCULTURA

Com toda a discussão sobre cibercultura e rede social Facebook, nos espaços educacionais não se pode negar a questão das relações interculturais. O conceito de interculturalidade se refere à diversidade cultural, e é importante citá-la ao falar principalmente de um assunto tão complexo como tecnologia. Pessoas de variadas origens étnicas, línguas diferentes e tradições culturais diversificadas lutam diariamente contra o preconceito, aversão e estranheza da sociedade atual, e merecem inclusão social. Por isso, é inadmissível deixar a interculturalidade de fora do plano de avanço na educação por meio da tecnologia e das redes



sociais, e o Facebook entra novamente em cena com a possibilidade de aproximar essas diferentes culturas, numa relação de respeito mútuo e companheirismo, reunindo todos na reivindicação por uma educação de qualidade aliada da tecnologia, aproximando todos para que possam compartilhar suas ideias e adquirir conhecimento uns com os outros.

Ademais, nomes como Candau (2002) e Fleuri (2003), apontam de maneira vantajosa a proposta de formação de educadores fundamentada na perspectiva intercultural, admitindo-se apenas a formação direcionada para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais.

Almeida (2007, p. 27) diz que a realização de diálogo é o “exercício de falar e estar aberto para ouvir o outro, reconhecer a si mesmo, expor opiniões, identificar a singularidade do outro pelo diálogo, trocar ideias e respeitar a diversidade [...]”. Os educadores precisam estar envolvidos com esse processo para assim construir harmoniosamente as relações interculturais entre eles e seus acadêmicos, incluindo-os ao plano de avanço por meio da Internet e aliando-se ao Facebook como rede social virtual aproximadora, todos comprometidos com a melhoria de qualidade no aprendizado na pós-graduação *stricto sensu*.

Além disso, os profissionais da educação podem usar a Internet a favor das relações interculturais utilizando de ferramentas criativas e inovadoras que, ao mesmo tempo que favorecem o aprendizado, beneficiam também a interculturalidade ao dialogar com as diversas culturas e buscar entendê-las, debatê-las, e promover a inclusão social por meio das publicações nas redes sociais envolvendo blogs, filmes, programas de televisão e vídeos informativos, além de imagens criativas que associam as figuras não verbais às informações acerca das diferentes culturas e como elas devem ser todas respeitadas.

Em meio ao debate a respeito da interculturalidade, Freire (2004) afirma ser necessário atentar para o quão importante são as relações entre as culturas, com suas ideias não se limitando à questão de apenas compreender a cultura do outro. A importância em destaque está na compreensão da relação entre as culturas. Desse modo, “[...] o problema é de relação: a verdade não está nem na cultura de lá e nem na minha, a verdade do ponto de vista da minha compreensão dela, está na relação entre as duas” (FREIRE, 2004, p. 75). Novamente, o diálogo entra em cena, sendo fundamental como meio de envolvimento na outra cultura.

III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Diálogos sobre EaD e uso das TDIC na educação: regulamentação em tempos recentes
3 a 6 de novembro de 2020 - Brasília/DF - Online



Por isso, viver com outras culturas de outros povos é vivenciar essencialmente do diálogo, lidando com diferentes condições de vida locais, respeitando as diferenças e promovendo a inclusão social, prezando pelo respeito mútuo, companheirismo e harmonia em suas relações.

Porém, há certas problemáticas sociais a serem consideradas. Segundo Capelo (2003), a instituição de ensino moderna não cumpre seu papel de promoção à diversidade como formadora de caráter, não dá aos alunos a devida preparação para conviver com outras culturas e compreender a diversidade cultural, não facilita o contato com as experiências que causam reflexão e desconstrução do pensamento restrito e enraizado da exclusão social. Por causa disso, os professores são novamente sobrecarregados ao serem muito mais do que aquilo que suas profissões lhes designam, precisando, além de contribuir para a formação do senso crítico dos alunos, estar preparados a lidar com a interculturalidade em sala de aula, respeitando as diferenças, reconhecer os valores e compreender a importância da relação e interação entre as culturas na busca pelo conhecimento e melhoria do aprendizado.

A docência tem sido cada vez mais desafiada com as mudanças da sociedade, esta que de acordo com Bauman (1999), está em constante mudança, inserida profundamente em uma fluidez, uma sucessão de acontecimentos rápidos e líquidos, como um rio que segue seu curso sempre em frente e nunca mais volta a ser o mesmo. Tais fatos remetem à inserção da tecnologia e também do aumento da diversidade cultural na sociedade, e em ambas as situações os profissionais da educação precisam estar preparados para lidar com todo tipo de questão relacionada aos seus acadêmicos. Precisam desconstruir constantemente seu pensamento, acompanhar as novas gerações que estão chegando, utilizar qualquer tipo de material informativo confiável para ter conhecimento da interação entre as culturas e de como as ferramentas digitais podem ajudar.

6 ETNOGRAFIA VIRTUAL COMO UM MÉTODO DE PESQUISA

A etnografia é um método fundado pela antropologia na coleta de registros descritivos da cultura material de um determinado povo. Autores como Kozinets (1997), Hine (2000),



apoiam a adaptação da etnografia tradicional a um novo ambiente, o ciberespaço, e por isso a temática ganha destaque e torna-se suscetível a discussão.

Um dos desafios da adoção de métodos etnográficos virtuais envolve o conceito de “campo”, pois já é notável que os ambientes virtuais alteram consideravelmente a noção de espaço e, conseqüentemente, de campo – conforme, é claro, a antropologia tradicional, uma vez que as sociedades virtuais estreiam um campo de interações mediadas por computadores, desterritorializado e com a ausência de limites geográficos, transformando-se em um fenômeno mundialmente distribuído, de acordo com Hine (2000). Ainda, há outra polêmica colocada em questão, explicitada por Santos e Gomes (2013):

A posição e status do pesquisador na condução de estudos etnográficos virtuais também são alvos de questionamentos. A pergunta central, conforme estruturada por Segata (2008, não paginado) é: “em um ‘mundo onde todos podem ser o que quiser’, como se posicionar como pesquisador entre os pesquisados, de modo a ser reconhecido como alguém que está ali com intuítos de ‘fazer algum tipo de ciência’?”. O autor responde a essa questão retomando a discussão no interior da Antropologia “sobre velho lugar de autoridade e de empoderamento do pesquisador” para concluir que o abandono dessa postura e o colocar-se de forma simétrica “aos nossos nativos” pode ser analisado mais como o atendimento de um anseio da comunidade acadêmica que necessariamente um problema a ser resolvido.

Outrossim, é notável o argumento fundamentado pela perspectiva de que “o entendimento etnográfico da cultura se dá a partir do ponto de vista dos nativos, portanto, é um conhecimento virtualmente produzido na pele de outra cultura” (BOELLSTORFF, 2008, p. 5-6).

Em seguida, pode-se afirmar que além de fornecer uma maneira de conhecer por meio da experiência pessoal, a etnografia virtual possui três facilidades: aprofundamento do conhecimento sobre o grupo por meio do ambiente virtual; melhores condições para o pesquisador ao analisar outros elementos do contexto em que está inserido; e também, segundo Kozinets (1997) a etnografia virtual mostra-se menos subjetiva do que a etnografia tradicional, pois é mais fácil e da mesma forma mais amplo o acesso aos vários registros e informações coletadas virtualmente, como imagens, troca de e-mails, arquivos de vídeo e áudio, e, por fim, registros das conversas públicas e particulares.

Portanto, nota-se que a cultura digital ainda guarda muitas possibilidades e caminhos

III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Diálogos sobre EaD e uso das TDIC na educação: regulamentação em tempos recentes
3 a 6 de novembro de 2020 - Brasília/DF - Online



para que possamos olhar a cibercultura com otimismo e utilizar dela para o avanço no campo de estudos e aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, concluímos que, discussões e reflexões acerca das tecnologias digitais e redes sociais na educação e na vida pessoal e acadêmica dos estudantes da Pós-Graduação Stricto Sensu, apontam a necessidade de integrar a cibercultura à sala de aula, mas também é fundamental que as instituições de ensino ofereçam internet banda larga para acesso gratuito aos acadêmicos, e também é fundamental que os professores sejam os primeiros preparados para conhecer as possibilidades que as redes sociais e seus aplicativos proporcionam na educação, para assim preparar seus alunos e ambos crescerem juntos intelectualmente e aprender com as novas inovações tecnológicas.

Sobre o Facebook como recurso de aprendizado, acreditamos que seja uma possibilidade para a aprendizagem se for usado de forma crítica, coerente e estratégica. A rede social, juntamente com aspectos do lazer virtual e moderno, poderá contribuir para o aprendizado, tornando-se mais dinâmico e criativo, possibilitando a atenção dos estudantes e despertando neles a vontade de adquirir conhecimento de forma mais descontraída.

Quanto ao aspecto da interculturalidade, devemos debatê-la com a mesma intensidade. Os professores entram novamente em cena com a necessidade de preparação e qualificação, além de conhecimento sobre o assunto e destreza ao lidar com as relações interculturais, que possuem papel fundamental na discussão sobre cibercultura no espaço acadêmico, como caminhos para aproximar e estabelecer relações interculturais por meio da cultura digital, principalmente na rede social virtual Facebook.

Por fim, a etnografia virtual também traz questões importantes para a temática, mostrando ser fundamental quando se fala de cibercultura e mundo digital possibilitando avanços no campo de estudos e aprendizados por meio das tecnologias, interfaces tecnológicas

III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Diálogos sobre EaD e uso das TDIC na educação: regulamentação em tempos recentes
3 a 6 de novembro de 2020 - Brasília/DF - Online



e redes sociais.

Estes debates mostraram que a cultura digital é essencial para o desenvolvimento das gerações futuras, e que ao invés de enxergá-la com olhos negativos, seria muito mais vantajoso usá-la estrategicamente a nosso favor e voltá-la para a aprendizagem, assim olhar o futuro com otimismo e esperança, acreditando no ditado de Nelson Mandela de que a educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.

REFERÊNCIAS

Almeida, Maria Elizabeth Bianconcini de. A Construção Compartilhada de Significados em Projetos de Educação a Distância. In: VALENTE, J.A.; ALMEIDA, E.B. (Org.) **Formação de educadores a distância e integração de mídias**. São Paulo, Avercamp, 2007

AMANTE, Lucia. Facebook e novas sociabilidades: contributos da investigação. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 27-46.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1999.

CANDAU, Vera Maria. **Sociedade, educação e culturas**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e Mediação Pedagógica**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2007.

CAPELO, M. R. C. Diversidade sociocultural na escola e a dialética da exclusão/inclusão. In: GUSMÃO, N. M. M. de. (Org.). **Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados**. São Paulo: Biruta, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FLEURI, Reinaldo M. (Org.). **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HINE, Christine. **Virtual ethnography**. London, SAGE Publications, 2000.



KOZINETS, Robert. On Netnography: Initial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture. **Advances in Consumer Research**, New York, v. 25, p. 366-371, 1997.

PORTO, Cristane; SANTOS, Edmea. orgs. **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 12 Fev.2020.

SANTOS, Rosimeire Martins Régis. **Formação Continuada de Professores Indígenas e Não Indígenas**: Implicações e Possibilidades Interculturais em Contexto Presencial e em Redes Sociais. Campo Grande, 2015. 232p. Tese (Doutorado) Universidade Católica Dom Bosco.

SANTOS, Flávia Martins dos.; GOMES, Suely Henrique de Aquino. **Etnografia virtual na prática**: análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura. VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, 2013.